



**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E  
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE  
CONECTADA POR REDES**

**MERI NADIA MARQUES GERLIN**  
**(Organizadora)**

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E  
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE  
CONECTADA POR REDES**

**Editora**  
**FCI/UnB 2018**



Universidade de Brasília

**Reitora**

Márcia Abrahão Moura

**Vice-reitor**

Enrique Huelva Unternbäumen

**Decanato de Administração (DAF)**

Decana: Maria Lucilia dos Santos

**Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)**

Decano: André Luiz Teixeira Reis

**Decanato de Ensino de Graduação (DEG)**

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

**Decanato de Extensão (DEX)**

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

**Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)**

Decana: Helena Eri Shimizu

**Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)**

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

**Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)**

Decano: Carlos Vieira Mota

**Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)**

Decana: Denise Imbroisi

**Faculdade de Ciência da Informação (FCI)**

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal  
do Espírito Santo

**Reitor**

Reinaldo Centoducatte

**Vice-reitora**

Ethel Leonor Noia Maciel

**Pró-Reitoria de Administração (Proad)**

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

**Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)**

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

**Pró-Reitoria de Extensão (Proex)**

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

**Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)**

Pró-Reitor: Cleison Faé

**Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)**

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)**

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional  
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

**Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)**

Diretor: Rogério Naques Faleiros

**Departamento de Biblioteconomia (DBIB)**

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

**Revisão**

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

**Normalização e projeto Gráfico**

Denise Bacellar Nunes (UnB)

**Capa**

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

**Diagramação**

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

**Conselho Editorial**

Denise Bacellar Nunes (UnB)  
Elmira Simeão (UnB)  
Marta Leandro da Mata (UFES)

**Comitê Científico**

Adriana Alcará (UEL)  
Eduardo Valadares da Silva (UFMG)  
Elmira Simeão (UnB)  
Iguatemi Santos Rangel (UFES)  
Márcia Marques (UnB)  
Marta Leandro da Mata (UFES)  
Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)  
Taiguara Villela Villela (UFES)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

# DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	10
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	18

<b>PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES</b> .....	24
--	----

<b>LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO</b> .....	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

<b>COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS</b> .....	48
---	----

Marta Leandro da Mata

<b>A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA</b> .....	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

<b>NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS</b> .....	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

<b>TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE</b> .....	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

<b>ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS</b> .....	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

<b>TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA</b> .....	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

<b>PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA</b> .....	204
---	-----

<b>NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.</b>	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio



**NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS ..... 222**

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS ..... 238**

Elane Couto Uliana

**TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ..... 263**

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

**SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR ..... 290**

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

**PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ..... 311**

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

**A PRESEÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO ..... 331**

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

**SOBRE OS AUTORES ..... 352**



## **PARTE I**

### **COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES**

# LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Maira Cristina Grigoletto<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho trata a memória, a informação e o conhecimento como resultado de processos de mediação, levando em conta os agenciamentos sobre os diversos suportes de informação e as (im)possibilidades de relações e interações dos indivíduos com os mesmos. Apresenta a leitura e a narrativa como dispositivos de saber/poder para a formação de sujeitos ativos nos percursos de elaboração e manutenção de memórias, informações e conhecimentos. Além disso, observa as transformações do ler e do narrar face ao advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Resultado de estudo teórico, apresenta reflexões a partir da obra *Fahrenheit 451*. Objetiva destacar as características da mediação em uma sociedade autoritária, enquadrada por rótulos, narrativas e imagens que estabelecem discursos para a manutenção de uma realidade moldada e controlada. Considera as formas e os limites da construção do conhecimento em meio a processos de mediação cerceados por um regime totalitário que destrói seus pontos de referência. Deste modo, aponta para os agenciamentos bem como para os dispositivos de saber/poder acionados para a preservação ou destruição de referenciais em meio a jogos ideológicos e transformações sociais, culturais, espaciais e tecnológicas. Demonstra a importância da manutenção de suportes de informação/memória como recurso para garantir apropriações e construções de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Leitura. Narrativa. Mediação. Memória.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Informação; Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: magrigo@hotmail.com

## LEITURA E NARRATIVA: AS POSSIBILIDADES DA MEMÓRIA NOS PERCURSOS DA MEDIAÇÃO

Para mim as palavras numa página dão coerência ao mundo. Quando foram atacados por uma doença parecida com amnésia, em um dia dos seus cem anos de solidão, os habitantes de Macondo perceberam que seu conhecimento do mundo estava desaparecendo rapidamente que poderiam esquecer o que era uma vaca, uma árvore, uma casa. O antídoto, descobriram, estava nas palavras. A fim de lembrar o que o mundo significava para eles, fizeram rótulos e os penduraram em animais e objetos: “Isto é uma árvore”, “Isto é uma casa”, “Isto é uma vaca e dela se obtém o leite, que, misturado com café, nos dá café com leite”. As palavras nos dizem o que nós, como sociedade, acreditamos que é o mundo (MANGUEL, 2002, p.13).

O pensamento de Manguel foi possível a partir de uma passagem da obra “Cem anos de solidão” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p.45), que narra a ocorrência da peste da insônia em Macondo e o pânico da índia Visitación frente a esta questão. Para essa personagem, o mais temível da doença não era o fato de não se poder dormir, “mas a inexorável evolução de uma manifestação mais crítica: o esquecimento”. Isso porque o doente, ao acostumar-se com o estado de vigília, começava a apagar

[...] da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa espécie de idiotice sem passado (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p.45).

Apesar dos habitantes de Macondo terem descoberto o antídoto contra a peste, García Márquez (2003, p.48) narra que passaram a viver

“numa realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras, mas que haveria de fugir sem remédio quando esquecessem os valores da letra escrita”.

A possibilidade de compreender o mundo e as coisas ao nosso redor por meio da leitura, mediação e apropriação da informação. Almeida Júnior apresenta que:

Ler é decodificar palavras; ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a possibilidade da fruição do belo, da estética; ler é se nutrir da tradição e da memória do homem; a leitura é proeminentemente prazer; a leitura é a representação maior da virtualidade; ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados; a leitura permite ser o outro, estar no outro; ler é se apropriar de um dos mais importantes instrumentos de opressão, a escrita (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p.33).

O significado do mundo, das coisas, das palavras, das narrativas; os nossos pontos de referência. As tantas leituras possíveis: de um texto, de um prédio, de uma imagem. Nossas lembranças, o valor que atribuímos aos objetos, sentimentos são, em muitos sentidos, resultado de uma série de mediações.

Seria difícil pensarmos em um mundo dado, pronto, sem

relações, conflitos, embates e acordos. Isso não quer dizer que o campo do pensar individual, da inovação não exista, mas o fato é que mesmo o mais inovador dos pensamentos foi possível por meio de referenciais. Assim, o que vemos, lemos, sentimos é parte de variadas mediações, processos nos quais os indivíduos tornam-se sujeitos ativos. Como dito, as coisas não estão prontas, mas foram construídas em dados momentos e em função de uma série de agenciamentos sociais, culturais que configuram a maneira de ser, viver e pensar de dadas sociedades em certas historicidades.

Essas questões em muitos pontos permitem-nos recorrer à obra *Fahrenheit 451*<sup>2</sup>. Enquadrada no gênero ficção-científica apresenta uma sociedade totalitária onde: quaisquer tipos de livros são proibidos, a palavra escrita está ausente e a leitura é um ato criminoso. Em *Fahrenheit 451*, a função dos bombeiros é queimar livros, ao invés de apagar incêndios como em nossa sociedade usual. O número 451 representa a corporação de bombeiros e, na escala Fahrenheit, corresponde a 233 graus Celsius - temperatura necessária para que o fogo queime o papel e, no caso, os livros. As personagens protagonistas são: Montag (o Bombeiro), Linda (esposa de Montag) e Clarisse (professora) (SILVA, 2003).

Uma das alegorias bastante marcante nessa obra é a do esquecimento e da ideia de aprofundamento em uma “idiotice sem passado”, representação do estado de imersão e hipnose vivido pela personagem Linda frente a um aparelho de TV (GARCÍA MÁRQUES, 2003, p.45). Outra questão é a dificuldade do personagem Montag de ler um livro depois de muito tempo sem contato com a palavra escrita. O que dizemos, então, da ideia de um mundo sem livros e da diminuição de muitos dos suportes necessários para nos “nutrir da

---

<sup>2</sup> A obra literária *Fahrenheit 451* é de autoria de Ray Bradbury (1953) e sua filmagem foi feita pelo diretor François Truffaut, em 1966.

tradição e da memória do homem”? (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p.33).

Esse cenário leva-nos a perceber que houve a partir do advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TCI) certa sobreposição de uma cultura eletrônica (sincrônica e de multiperspectivas) a uma cultura tipográfica fundamentada na escrita (diacrônica e linear) (ORTIZ, 1991). Podemos, assim, pensar em uma nova proposta de indivíduo, na reconfiguração do ler, do escrever e do narrar, no reconhecimento de variados suportes para informação e nas múltiplas formas de coleta, organização, disponibilização, busca e acesso.

Se em um momento podíamos nos transportar a outro mundo através das narrativas orais, passamos a fazê-lo pela leitura das páginas de um livro, pela visualização de uma história na tela do cinema e nos tornamos os próprios personagens desse mundo na tela do computador. No entanto, temos que ter claro que um processo não elimina o outro, apenas traz novas possibilidades, sensibilidades e maneiras para entrarmos em contato com a grande massa de registros produzidos pela humanidade; para nos envolvermos e compreendermos as tantas formas e suportes para representação e apresentação do “real”/usual.

Almeida Júnior (2007) apresenta a ideia de que somos alfabetizados apenas em relação à palavra escrita e que a escola nos torna decodificadores da palavra, leitores da palavra escrita. Entretanto, pontua que hoje esse instrumento é insuficiente. Isso porque contamos com uma série de outros elementos para serem decodificados. A multimídia, por exemplo, possui vários outros segmentos além do texto escrito, entre tantos: imagem fixa, imagem em movimento e som. Para o autor, uma vez que desconhecemos a linguagem dessas mídias, lidamos com elas de maneira intuitiva. Assim, temos dificuldade de compreender e nos apropriar desses elementos. Podemos dizer que, como no caso da personagem Linda, acabamos sendo capturados por esses

dispositivos.

Os desafios decorrentes da velocidade e das inovações técnicas em nosso cotidiano partilham de um momento histórico específico e possibilitam uma nova forma de consciência, na qual a percepção do mundo exige novas habilidades sensoriais, métodos para percepção de variadas mídias, meios para decodificação; elementos necessários para redefinir o tempo efêmero e o espaço global que são reduzidos, “fáceis” e simultaneamente, a tela de uma TV ou computador.

Sevcenko (2001) aborda esses pontos à luz das transformações tecnológicas ao fazer uma analogia entre as sensações e efeitos provocados por estes adventos e os experimentados em um passeio de montanha-russa.

A primeira fase da montanha-russa mostrada pelo historiador é a da subida, da ascensão, representada pelo período que vai do século XVI até meados do século XIX, fase do início do desenvolvimento tecnológico. A segunda etapa seria a da precipitação em uma queda vertiginosa, momento que teria ocorrido ao redor de 1870, com a chamada Revolução Científico-Tecnológica; e do mergulho no vácuo, no espasmo caótico e destrutivo provocado pela Segunda Guerra Mundial. A terceira fase, nessa imagem da montanha-russa, é mostrada pelo loop, representação do atual período, assinalado por um novo surto dramático de transformações, a Revolução Microeletrônica. Para o autor, o problema que se coloca, pois, frente à aceleração das inovações tecnológicas não é nem a técnica, nem a crítica sobre estas mudanças - a contrapartida cultural diante da técnica, “mas a síndrome do loop, que emudece a voz da crítica, tornando a técnica surda à sociedade” (SEVCENKO, 2001, p.18).

Para Sevcenko (2001, p.19), “nesse momento tumultuoso, em que a celeridade das mudanças vem sufocando a reflexão e o diálogo”,



é necessário mais do que nunca adotar uma estratégia que permita: 1. “Desprender-nos do ritmo acelerado das mudanças atuais” para estabelecermos um discernimento crítico sobre a questão; 2. Recuperarmos o tempo histórico, “aquele que nos fornece o contexto interior do qual podemos avaliar a escala, a natureza, a dinâmica e os efeitos das mudanças em curso, bem como quem são seus beneficiários e a quem elas prejudicam”; 3. Sondarmos “o futuro a partir da crítica em perspectiva histórica, ponderando como a técnica pode ser posta a serviço de valores humanos beneficiando o maior número de pessoas”.

Na atualidade, quando tudo parece fugidio, efêmero, descartável e, em contraposição, quando impera a problemática de como lidar com a imensa e crescente quantidade de informações nem sempre nos atentamos aos processos que constituíram essas evidências: as problemáticas e facilidades geradas, por exemplo, pelas novas formas de armazenamento e pela ilusão do rápido acesso à informação. Não percebemos, ainda, que fizemos com que a realidade entrasse em crise e precisássemos de tantos instrumentos e suportes para preservá-la (SANTOS, 1997).

Podemos pensar que parte dessa problemática existe porque ao longo dos tempos houve o interesse de produzir e guardar registros e/ou bens culturais porque tais elementos passaram a ser valorizados. Em linhas gerais, pelas suas potencialidades para a construção de uma sociedade “erudita” ou para a preservação da memória, construção da história e da identidade de muitas nações. Além de serem recursos necessários às atividades econômicas, políticas e administrativas correntes. Este pensamento nos aproxima das ações institucionais do Estado-Nação e, por que não dizermos - dadas as circunstâncias e particulares, pelo Estado Cultural, principalmente, devido ao interesse de manter pontos de referência para o desenvolvimento das sociedades em momentos de transformações ideológicas, espaciais, culturais,

sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, etc.

Na proposta de análise de Silva (2010), a escrita, a palavra escrita, teria sido o primeiro salto tecnológico de ruptura e continuidade com a oralidade e tornou possível o contato entre os seres humanos ao longo dos tempos, dos espaços. Para o autor, com os recursos tecnológicos, as formas e as categorias de elementos a serem disseminados foram ampliadas, trazendo, pois, preocupações a respeito do tratamento da informação para atender às demandas de uma política globalizada de informação, embasada nos direitos de todos os cidadãos ao acesso à informação.

Direito do cidadão a que informação? Direito a quais lembranças? Direito a que memória? Qual a importância que atribuímos, então, ao tratamento, disseminação e preservação dos nossos suportes informacionais para manutenção de pontos de referência, para a construção do nosso saber, de nossos conhecimentos? Quais os instrumentos necessários para vivermos e sentirmos em momentos de rápidas transformações, ampliação de recursos/produtos informacionais e, em contrapartida, de desvalorização e afastamento de muitos de nossos referenciais?

Almeida Júnior (2007) apresenta que os profissionais da informação não podem limitar os suportes com os quais lidam somente ao livro ou aos que sustentam a palavra escrita, pois isso implicaria em contradizer o seu objeto de estudo, pesquisa e trabalho. Para o autor, a leitura está no cerne da apropriação da informação – reafirmamos que isto não se aplica somente a leitura da palavra escrita. Outra questão colocada por ele é que tanto a informação quanto a leitura não existem *a priori*, não existem antecipadamente. Ou seja, por ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada. Portanto, a informação é resultado de um processo que vai desde a comunicação, via documento, até a transformação do conhecimento de

uma pessoa; percurso que o autor denomina “mediação da informação”.

Essa ideia sustenta a colocação inicial que fizemos a respeito de que o mundo, as coisas, as palavras, os sentimentos e tantos outros elementos são construções possíveis somente porque, antecipadamente, houve uma série de mediações. Processos e procedimentos que foram incorporados e por meio dos quais é possível a emergência de novas evidências, acontecimentos, apropriações e produção de conhecimentos.

Com base em Latour, verificamos que o

[...] “conhecimento” não é algo que possa ser descrito por si mesmo ou por oposição à “ignorância” ou “crença”, mas apenas por meio do exame de todo um ciclo de acumulação: como trazer as coisas de volta a um lugar para que alguém as veja pela primeira vez e outros possam ser enviados para trazer mais outras coisas de volta (LATOURE, 2000, p.357).

Deste modo, por meio de agenciamentos sobre os documentos (de diversas naturezas) é que começamos a pensar a informação, a memória e o conhecimento bem como a importância da preservação dos elementos – materiais, imateriais ou materializados – que permitem o reconhecimento dos processos e procedimentos de medições. Enfim, a informação e a leitura são elementos *a posteriori* e resultado de agenciamentos, relações e interações que se concretizam no processo de mediação. Por meio deste, pode-se apontar a emergência, garantia e contemplação da memória e da informação bem como dos direitos correlatos.

Com base na obra *Fahrenheit 451* elucidaremos essas questões à luz das preocupações da preservação e da mediação (cultural e da informação). A proposta é percebermos de que maneira um mundo

pode ser mediado por rótulos, enquadrado por palavras ou imagens, determinado por valores pré-estabelecidos. Enfim, um mundo construído por certos discursos, mediações e conhecimentos para manter uma “realidade escorregadia” e estruturada pela racionalidade; sem vínculos para identidades, pertencimentos e apropriações.

## **MEMÓRIA, LEITURA E CONTROLE: O DISCURSO COMPETENTE DE UMA SOCIEDADE DO ESQUECIMENTO**

As próximas reflexões terão como fio condutor as colocações de Silva (2003) sobre *Fahrenheit 451*, que propõe analisar: “aspectos relativos aos livros e à memória”; “questões referentes à proibição e à destruição de livros por regimes totalitários”; “a trajetória do personagem Montag e sua transformação em defensor dos livros”; e “as características da sociedade retratada no filme, especialmente seu apego à imagem e à informação oral” (SILVA, 2003, p.78).

Em *Fahrenheit 451* existe a tentativa de construção de uma sociedade utópica, na qual todos os habitantes são felizes, com sentimentos previsíveis e controlados. Nessa tentativa de busca e concretização da felicidade, é construída uma sociedade totalitária, na qual todos estão sob vigilância do Estado e sob a pressão de uma autovigilância. Na trama parece ser necessário afastar qualquer elemento que possa atrapalhar esse grande projeto. Assim, verificamos a ação do Estado e de suas “agências” na tentativa de concretizar o ideal de uma sociedade feliz.

Nessa obra, pode ser observado o controle constante. A caixa de informações que serve para que vizinhos, amigos e os próprios familiares possam denunciar os que subvertem a lei por terem livros em sua posse mostra um pouco desse cerceamento.

Silva (2003) destaca o poder que é atribuído ao livro nessa sociedade a ponto de serem considerados os elementos responsáveis

pela infelicidade humana. Vistos como um dos tantos suportes da memória, os livros poderiam auxiliar no desencadeamento de lembranças e contribuir para que as pessoas tivessem contato com sentimentos do passado e outros talvez nunca vividos.

Como exemplificado pela autora, no século VII a.C., Nabonassar projetava apagar a memória destruindo todos os registros que pudesse encontrar na Babilônia, o que demonstra a relação entre as bibliotecas, os livros e o poder.

[...] o poder das bibliotecas não se situa apenas no mundo das palavras e dos conceitos. Como Alexandria já o significava claramente, o domínio da memória escrita e da acumulação dos livros não deixam de ter significações políticas. Eles são signo e instrumento de poder (JACOB, 2000, p.14 apud SILVA, 2003, p.79-80).

Nessa perspectiva, Frohmann (2001) pontua que:

O “poder da escrita” que “captura e fixa” indivíduos não é o poder de simplesmente transcrever os indivíduos, não é o poder de simplesmente transcrever o pré-existente, características individuais objetivas em forma de escrita, assim permitindo que a informação sobre o indivíduo seja comunicada. Em vez disso, o poder da escrita é uma parte essencial do mecanismo da disciplina; ou aparatos disciplinares pelos quais indivíduos são construídos como objetos do conhecimento (FROHMANN, 2001, p.7, tradução nossa).

No intuito de garantir o adequado funcionamento de uma sociedade utópica, qualquer incerteza com relação à vida, aos sentimentos, ao poder dos governantes deveria ser afastada. Todavia, para construir um novo indivíduo, o recurso utilizado não estava mais

vinculado à palavra escrita, mas a imagem; as tantas imagens produzidas e transmitidas por televisores que habitavam as casas e até faziam parte da família das pessoas.

François Truffaut apresenta, no recorte de sua produção cinematográfica, uma sociedade na qual a oralidade impera em detrimento da palavra escrita, a imagem e o ato de ver superam tanto o livro quanto a ideia que temos de leitura. Os números e as cores passam a funcionar como dispositivos para nomear e qualificar as coisas. Isso pela crença de que representavam racionalidade. O cerne da questão: os indivíduos não deveriam ficar expostos a quaisquer elementos que pudessem gerar contestações.

Com base em Foucault, compreende-se o dispositivo como um termo técnico,

[...] um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo (FOUCAULT, 1994, p. 301 apud AGAMBEN, 2009, p. 28)

Nesse ponto, podemos pensar que a problemática mostrada pela obra está na substituição da narrativa escrita pela imagem e no preparo dos indivíduos dessa sociedade ideal para se desenvolverem a partir de uma nova proposta de mundo, de valores e de meios de representação. Por meio de uma proposta autoritária e totalitária, configurava-se a impossibilidade de aceitação da não-felicidade. Ser competente nos termos propostos no mundo de *Fahrenheit 451* era aceitar as imposições, construir uma felicidade pautada no esquecimento. Logo, aceitar o regulamentado, estruturado e transmitido pelos

agenciamentos de um governo utópico, que bane, destrói, queima os referenciais que possibilitariam novas apropriações e construções de conhecimento.

Um trecho selecionado por Silva (2003, p.82-83) ajuda-nos a elucidar esta colocação. Neste, o Capitão dos bombeiros relata a Montag que, ao menos uma vez na carreira, os bombeiros desejam saber o que há nos livros. Em continuidade, afirma que não há nada nos livros, que eles não têm nada a dizer, que são todos romances sobre gente que nunca existiu. Sua conclusão é a de que as pessoas que os leem ficam infelizes com as próprias vidas e tem o desejo de viver de modos que nunca serão possíveis. O Capitão dissemina um discurso que visa manter a “paz de espírito”; uma paz que, como veremos pela ação posterior de Montag, é tão escorregadia quanto o sentido das palavras no mundo de Macondo.

Em concordância com estas afirmações, Montag que, ao longo da narrativa passa a se encontrar com a personagem Clarisse - professora favorável e defensora dos livros, dissemina o pensamento ensinado pela corporação de bombeiros. Argumenta, por exemplo, que os livros são bobagens e deixam as pessoas antissociais.

Porém, Clarice estimulará Montag a repensar sobre as suas convicções. Durante uma conversa, questiona-o sobre o fato da profissão dos bombeiros no passado ser a de apagar incêndios e não os causar. Ignorante sobre a questão, Montag acha a ideia muito estranha, uma vez que não tem nenhum conhecimento do passado. Como mostra Silva (2003), para Montag o dever do bombeiro era destruir o conhecimento, pois em *Fahrenheit 451* as pessoas deveriam ser “ignorantes” para que a sociedade fosse igualitária.

As colocações de Clarisse fizeram com que Montag, aos poucos, tivesse vontade de conhecer o conteúdo dos livros e cada vez mais aumentava seu interesse de “pôr em dia as lembranças do passado”

(SILVA, 2003, p.85). Ao ler, Montag seguia em busca do passado e não mais da “felicidade”, como era proposto na sociedade de *Fahrenheit 451*. Mesmo frente à indignação de sua esposa Linda, continuava seu empenho, passando a acreditar que os livros eram sua família e que atrás de cada um deles havia um homem. Para Silva (2003), foi esse interesse de Montag pela memória que estava perdida que o levou a se transformar num instrumento para a preservação da memória.

Como argumenta Silva (2003), a principal questão da obra não parece ser a proibição e queima de livros, mas a falta de memória da sociedade. *Fahrenheit 451* é uma sociedade oral, mas não uma sociedade voltada à transmissão oral. Ou seja, pode ser considerada uma sociedade oral do esquecimento, sendo o próximo passo: o silêncio, o esquecimento da palavra.

O motivo que leva essa sociedade a eliminar seus registros é o interesse de esquecer o passado, um passado que traz sofrimento. Nesse cenário, os livros são considerados a representação do passado, do saber, de certo conhecimento, da história, do uso da fantasia; dos elementos que podem atrapalhar o projeto autoritário de uma sociedade “feliz”. Em *Fahrenheit 451* tudo deve ser esquecido, todos os vestígios do passado devem ser apagados. O que restará? Memórias vagas, lembranças sem vinculação, um mundo de certezas? (SILVA, 2003).

Chauí (2003) apresenta considerações relevantes para compreendermos o funcionamento da sociedade ficcional de *Fahrenheit 451*. O primeiro ponto é percebermos que se trata de uma sociedade construída por meio de bases ideológicas e sustentada pela transmissão e incorporação de um discurso ideológico.

Nos termos de Chauí (2003), podemos entender ideologia como um corpo sistemático de representações e de normas que nos “ensinam” a conhecer e a agir. Esse *corpus* é a forma específica do



imaginário social moderno pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social através de uma ação de ocultamento e dissimulação do real. O discurso ideológico seria o elemento para unificação de pensamentos, linguagens e realidade; instrumento necessário para apagar diferenças, garantir a coerência social e uma suposta veracidade com força suficiente para manter o que é proferido – isso na tentativa de afirmação de uma classe dominante. A ideologia está, nesse sentido, no campo do conhecimento, do saber instituído. Assim, deve negar o não-saber, ou o saber instituinte a fim de neutralizar a história, desarmar as interrogações, abolir as diferenças.

Em *Fahrenheit 451*, o Estado percebe os “perigos” do campo do saber, de novos pensamentos – construídos com base em conhecimentos do passado; perigos estes que podem destruir ou enfraquecer o projeto político e social vigente. Como mostra Machado,

Não há saber neutro. Todo saber é político. E isso não cai nas malhas do Estado, é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder. O fundamental desta análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder (MACHADO, 1979, p. XXI).

Nessa sociedade ficcional percebemos que o “discurso competente” impera. Um discurso que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem; perdeu seus referenciais a ponto de ser moldado e transformado por aqueles que têm o poder de dizer o que é válido e verdadeiro. Dessa maneira, está enquadrado em lugares e

circunstâncias pré-determinadas, nas quais o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência (CHAUÍ, 2003).

Sobre essa questão, Foucault apresenta que

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sanciona uns e outros; as técnicas e procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.12).

A aceitação sem contestação, um discurso que assume o *status* de discurso do conhecimento – o discurso do especialista, proferido a partir de pontos de vista determinados. Um discurso que não se inspira em ideias e valores, mas na suposta realidade dos fatos e na suposta eficácia dos meios de ação; um discurso instituído, uma ciência institucionalizada que não é – e nem pode ser - um saber instituinte e inaugural. Esse discurso tem o papel de dissimular, sob a capa da cientificidade, do bem-estar social e da paz de espírito a existência real da dominação (CHAUÍ, 2003).

Por meio deste pensamento é importante percebemos que, pelos critérios do discurso competente, “não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância”. Para que haja discurso competente é necessário que haja a afirmação e aceitação, mesmo que tácita, da incompetência. Assim, compreendemos que não são os seres, os indivíduos, as pessoas que por

si determinam o seu viver e estar no mundo, mas as normativas, os modelos científicos. Em outras palavras, os milhares de artifícios mediadores que dão lugar às experiências individuais e internalizadas (CHAUÍ, 2003, p.10).

Dessa forma, é necessário que os indivíduos incorporem as regras do discurso competente de sua sociedade para que possam viver e não serem vistos como “incompetentes, anormais, a-sociais, detritos, lixos” (CHAUÍ 2003, p.13). Como no mundo de *Fahrenheit 451*, antissocial e infeliz era o homem que não cumprisse a determinação de ficar distante dos livros e dos registros escritos e “livres” do passado.

O esquecimento do passado e dos pontos de referência de uma sociedade é o dispositivo utilizado em *Fahrenheit 451* para garantir a manutenção e validação do regime de verdade anunciado pelo Estado.

Segundo Pimenta (2009, p.128), são os “usos políticos do passado” e sua instrumentalização que viabilizam as práticas de controle da memória coletivizadas pelas instituições que escolhem qual será a informação, o conhecimento a ser guardado e qual será a experiência de passado que atenderá aos interesses comuns.

Nestes termos, a memória (lembança e esquecimento) pode ser analisada como um mecanismo de esquecimento programado. Para Meneses (2007, p. 24), lugares chamados de “casa de memória” poderiam também ser chamados de “casa de esquecimento”, na medida em que o que está fora “é muito mais numeroso que o que está dentro” (MENESES, 2007, p. 24). Portanto, as instituições de memória, de estoques de informação, operacionalizam o esquecimento e, através de mecanismos de administração, tentam diminuir os estoques excedentes, reformatar ou fragmentar a estrutura da memória (BARRETO, 2000).

É nesse ponto que voltamos a pensar nos direitos de cada cidadão, em específico, o direito à memória e à informação, que foram retirados da sociedade retratada em *Fahrenheit 451*. Nesse mundo

ficcional, não foram eliminados somente os estoques excedentes, mas qualquer tipo de documento escrito que carregasse informações sobre o passado.

Os suportes de memória, institucionalizados ou não, podem servir como passaportes para embarcarmos em mundos paralelos; mundos que permitem o reencontro com um tempo perdido – não no sentido do eterno retorno do mesmo -, mas na ideia de um tempo que começa novamente, que traz novos aprendizados tanto para o presente quanto para o futuro (BRESCIANI; NAXARA, 2004). A partir da doutrina clássica dos lugares e das imagens, foram formuladas regras mnemônicas, que enfatizam a importância dos suportes nos processos de recordar (LE GOFF, 2003).

Quando colocamos estas questões frente aos lugares/suportes de memória e pensamos no livro como um desses recursos somos novamente encaminhados ao mundo ficcional de *Fahrenheit 451*. Nessa realidade, lidamos com a destruição dos livros, dos suportes externos da memória e com o retorno das informações, do conteúdo informativo para um suporte interno, tácito: para a mente humana.

Pensar em lugares de memória, em suportes de memória é apontar, na linha de pensamento de Nora (1993, p.8), que “se ainda habitássemos a nossa memória não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares”. O historiador francês, de certo, anunciou que a memória passou a não habitar mais os indivíduos e que estes, paulatinamente, passaram a necessitar de tantos outros instrumentos para nomear suas experiências e para representar o mundo e o vivido; tantos outros suportes para ancorar e registrar seus conhecimentos e visões de mundo.

Em *Fahrenheit 451*, o livro, esse lugar de memória, foi eliminado e a reação contra esta ação autoritária foi a incorporação, a memorização individual do conteúdo presente nesses suportes de

memória. Segundo Dodebei,

*Fahrenheit 451* estabelece uma nova relação da memória com a oralidade, quando verifica que a sociedade da escrita está ameaçada de desaparecer. A rede de pensamento organizada pelos livros seria humanizada, protegida pela disseminação oral do conhecimento. Embora os “homens-livros” se preocupassem com a integridade da obra e do autor, sabiam também que o processo de transmissão oral não garantiria essa integridade (DODEBEI, 2009, p.135).

A partir de Dodebei (2009), verificamos que uma sociedade paralela foi constituída por homens-livros, homens-memórias; por um grupo de pessoas resistentes ao sistema de controle social imposto pelo regime das mídias televisivas que queimava livros. Foi criado um mundo onde cada pessoa se comprometia a memorizar uma ou mais obras da literatura e se responsabilizava por sua transmissão oral. Após a memorização, queimavam os livros para não serem punidos em função de sua posse. No entanto, estes homens tinham a consciência de que a forma para manutenção do conhecimento que utilizavam, memorização individual e internalizada, não era segura e que muito do conteúdo presente nos livros seria perdido ao longo do tempo e de sua transmissão oral.

## **CONCLUSÕES**

A leitura e a narrativa das palavras escritas, de imagens, de documentos de diversas naturezas. Os olhares e questionamentos que lançamos sobre o mundo e as coisas são diversos mediante a experiência de cada um e o contexto de sua inserção.

A cada época pontos de referência são consagrados, preservados ou descartados, o que reflete nas formas, possibilidades e limites da produção de conhecimento. A questão em torno da memória e da informação perpassa pela compreensão das condições do conhecimento frente aos processos de mediação. Isso coloca em cena os diversos suportes de informação e as relações dos indivíduos com estes referenciais.

Neste trabalho, propusemos refletir sobre estas questões à luz de uma sociedade que teve os referenciais do passado eliminados e que foi capturada por certos dispositivos, cuja finalidade era a validação de um regime de verdade; de um discurso que determinasse como viver, sentir e pensar.

Por meio dessas reflexões foi possível percebermos que vivemos em um mundo mediado por diversas relações e agenciamentos. Mais, que é por meio dessas mediações, da apropriação pelo indivíduo de dispositivos de saber/poder - como a leitura e a narrativa, que são configuradas as condições para a manutenção da memória, para a harmonia entre lembrança e esquecimento, para a aceitação do saber e do não-saber. Nestes termos, verificamos as alocações de mediações possíveis, atentando para a interação, a emergência da informação, a possibilidade de relações e contraposições, a latência e interiorização de novas experiências e conhecimentos.

## **REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira dos (Org.). *A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*.

Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - memórias, esquecimento e estoques de informação. *DataGramaZero*, v.1, n.3, p. A01-0, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/789>>. Acesso em: 29 set. 2017.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Apresentação. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e res(sentimento): indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CHAUÍ, Marilena Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2003.

DODEBEI, Vera. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. esp., p. 129-142, 1. sem. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2009v14nesp1p129/19839>>. Acesso em: 29 set. 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FROHMANN, Bernd. Discourse and documentation: some implications for pedagogy and research. *Journal of Education for Library and Information Science*, Oak Ridge (EUA), v.42, n.1, 2001.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha, 2003.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. VII-XXII.

MANGUEL, Alberto. *No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>> . Acesso em: 29 set. 2017.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Construindo conhecimento através do espaço sindical francês: um olhar sobre a informação e o papel do arquivo junto a uma política de memória militante. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.14, n. especial, p. 120-132, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a09v14nspe.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2010.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Considerações sobre a realidade virtual. In: FERREIRA, Leila da Costa (Org.). *A sociologia no horizonte do século XXI*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Terezinha Elizabeth da. Montag e a memória perdida: notas sobre Fahrenheit 451 de François Truffaut. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.78-87, jan./jun. 2003. Disponível



em:<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/376/194>>. Acesso em: 29 set. 2017.

SILVA, Armando Malheiro da. *Recursos de Informação e/ou Comportamento Informacional* (Texto de Apoio – Disciplina: Tópicos Especiais – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Unesp-Campus de Marília). 2010. 90p. (versão digital)

## **SOBRE OS AUTORES**

**Adriana Alcará** – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

**Alzimar Ramalho** – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

**Amanda Xavier** – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

**Ana Cláudia Borges Campos** – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

**Benedito Medeiros Neto** - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

**Cláudia Maria de Oliveira** – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

**Daniela Lucas da Silva Lemos** – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

**David Renault da Silva** - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

**Eduardo Valadares da Silva** - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

**Elane Couto Uliana** – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

**Elijance Marques dos Santos** – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

**Elmira Luzia Melo Soares Simeão** – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

**Fabiano de Oliveira Moraes** – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

**Fábio Vieira Pereira** – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

**Joyce Del Frari Coutinho** - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

**Ingrid Simões Pereira** – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

**Iguatemi Santos Rangel** – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.



**Maira Cristina Grigoletto** – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

**Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim** – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

**Marcelo Souza de Jesus** - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

**Márcia Helena da Silva Marques** – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

**Márcia Marques** - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

**Maria Giovana Soares** – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

**Marta Leandro da Mata** – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

**Meri Nadia Marques Gerlin** – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

**Mônica Regina Peres** - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

**Philippe Peterle Modolo** – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

**Renato Rocha Souza** – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

**Silvana Soares Sampaio** – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

**Taiguara Villela Aldabalde** – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

**Tatyane Mendes Ferreira** - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.